

**Miranilde Oliveira Neves
(Organizadora)**

**Currículo: Distintas
Abordagens Epistemológicas**

**Atena**
Editora
Ano 2019

Miranilde Oliveira Neves
(Organizadora)

**Currículo: Distintas Abordagens
Epistemológicas**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C976	<p>Currículo [recurso eletrônico] : distintas abordagens epistemológicas / Organizadora Miranilde Oliveira Neves. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-660-7 DOI 10.22533/at.ed.607193009</p> <p>1. Currículos. 2. Educação. 3. Escolas – Aspectos sociais. I.Neves, Miranilde Oliveira.</p> <p style="text-align: right;">CDD 375</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A questão curricular envolve vários processos que demandam atenção e disponibilidade por parte do professor para aderir a mudanças que ocorrem constantemente no âmbito escolar. Currículo e prática docente caminham lado a lado, afinal, é na prática que se descobrem as reais certezas ou incertezas, que posteriormente moldarão o perfil do professor. São, portanto, as metamorfoses que ocorrem a partir da escolha das propostas curriculares e as diversificadas abordagens epistemológicas que esta obra apresentará.

É inegável a impossibilidade de abarcar todas as questões existentes nos sistemas educacionais dentro das propostas curriculares, mas precisamos estar atentos para o fato de que, nos mais diferentes contextos, em especial, cultural e social, há, claramente, o interesse do currículo em compreender, a partir desses aspectos, o que realmente, nossos estudantes precisam nas escolas. O currículo não deve ser pensado apenas como uma proposta do presente. Ele marca as ações futuras e essa reflexão deve fazer parte da visão do professor formado ou em formação.

A obra apresenta vinte capítulos – cada um com aspectos que, somados, formam um som uníssono de luta por uma proposta curricular mais eficaz nas escolas, é o caso do capítulo **Currículo na Escola em uma Comunidade Tradicional Quilombola** – texto fundamental para quem deseja compreender os aspectos, diversas vezes, esquecidos nos currículos, que envolvem os fatores que constroem a formação das comunidades quilombolas. Neste capítulo, uma viagem especial a escolas de ensino fundamental de Garanhuns-PE, Nordeste do Brasil – o currículo é apresentado como vetor importante na marca do território de matriz africana, valorização das identidades que se constroem ao longo das relações e que, indubitavelmente, são responsáveis por um currículo que valoriza as diversidades.

O segundo capítulo discutirá a **Integração no Ensino Médio: Articulações Discursivas na Produção da Hegemonia** – a autora faz uma análise a partir dos discursos de integração na política curricular brasileira para o Ensino Médio, no período de 1998 a 2012, a fim de entender a produção dos discursos de integração como luta hegemônica pela significação do currículo.

Intitulado **Corpolítica: diálogos sobre Gênero, Sexualidade, Raça e Direitos com Jovens em Espaços Urbanos Periféricos no Distrito Federal**, o terceiro capítulo discute e valoriza a extensão universitária como fator preponderante na formação acadêmica, em especial, na Universidade de Brasília - UNB. O texto apresenta os resultados favoráveis à união universidade e academia, a partir da implantação de um projeto de extensão que já alcançou seu espaço na instituição desde o ano de 2016 e dele participam diferentes atores pertencentes ou não à UNB.

Com o tema **Dez Anos de Políticas Educacionais: a Escola e a Democracia no Mercosul (2005-2015)** o quarto capítulo revela o que dizem os planos de Ação do Setor Educacional do Mercosul no período estudado (2005-2015). Cidadania, democracia,

desenvolvimento social, cultura e integração foram as áreas de comparação analisadas para se chegar à compreensão das condições educacionais dos países que formam este Bloco e de como está sendo construído o processo de democratização entre eles. É, sem dúvida, um texto que permite uma reflexão mais apurada sobre o que já foi e o que ainda pode ser feito no âmbito das políticas educacionais.

Os leitores podem usufruir de um bom texto ao lerem o quinto capítulo, o qual se intitula **As Tecnologias Digitais e suas Intervenções na Conformação do Currículo Brasileiro**, os autores explicam com clareza e precisão como as tecnologias digitais influenciam na construção do currículo e para entender **As Mudanças Curriculares na Educação Física no Ensino Médio e a Preocupação com a Formação Humana**, Aline de Carvalho traz no sexto capítulo um alerta dirigido a qualquer professor da Educação Básica – Nível Médio: a necessidade de refletir sobre a formação humana integral. A autora, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais faz uma análise sobre a importância de unir formação acadêmica e formação integral e apresenta a experiência que vivenciou, dentro desse contexto no Colégio dos Santos Anjos - Rio de Janeiro.

Ao se preocupar com a inclusão, o sétimo capítulo apresenta as **Narrativas de Inclusão no Curso de Especialização em Educação Inclusiva: Diálogos com Ivor Goodson**, o qual valoriza os percursos curriculares individuais com base em aprendizagens narrativas e não privilegia o estudo prescritivo dos conteúdos curriculares que consideram as diferenças e façam com que o professor perceba que compreender esse contexto, significa incluir no melhor sentido da palavra.

Explicitar os Aspectos da Creditação da Extensão nos Cursos de Formação de Professores, foi o foco da pesquisa de Ana Claudia Ferreira Rosa e Arlete Maria Monte de Camargo, as quais deixam explícita a necessidade de modificações nos currículos, que devem vir acompanhadas dos desafios da formação de professores – tudo isso partindo de uma reflexão sobre a creditação de extensão, assegurada no Plano Nacional de Educação e já citada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aos cursos de nível superior.

El Currículum Oculto en la Investigación Educativa – Pesquisa de Martha Marques San Martín, Revela um olhar a partir da experiência no ensino de Pesquisa Educacional em dois centros de formação de professores na cidade da Flórida, Uruguai, a fim de contribuir para a discussão sobre o currículo oculto. O estudo busca refletir o espaço de ensino de pesquisa educacional como um espaço, que desempenha diferentes posições, as quais buscam legitimar o lugar de suas concepções e a hegemonia de suas propostas.

Práticas Curriculares na Educação Rural e a Importância de uma Educação Contextualizada – este capítulo revela preocupação com a contextualização do currículo e não apenas uma obediência a conteúdos que desvalorizam, em alguns momentos, o cotidiano do estudante. O foco da pesquisa ocorreu na zona rural e as singularidades que estes precisam manter e preservar a outras gerações, por isso

a preocupação em analisar e levar respostas à sociedade sobre a importância de o professor desenvolver uma prática pedagógica que contemple os saberes necessários à educação do campo.

Analisar a **Percepção Discente sobre Estratégias de Ensino Ativo, Combinadas com Aulas Teóricas, no Ensino de Fisiologia em Curso de Odontologia** foi com este objetivo que nasceu o capítulo que valoriza estratégias de ensino possíveis de serem aplicadas em cursos de graduação e que mostram uma afinidade maior dos estudantes com a aprendizagem dos conteúdos nas aulas de Fisiologia em um curso de Odontologia.

A Construção da Identidade Étnico-Racial nas Orientações Curriculares do Estado da Bahia de Eliana Póvoas Pereira Estrela Brito tenta entender como as relações étnico-raciais são trabalhadas pelas orientações curriculares para o Ensino Médio do Estado da Bahia – BA.

A Internacionalização no Campo do Currículo: Pesquisando os Colóquios Luso-Brasileiros – este capítulo apresenta a importância das práticas cotidianas para o desenvolvimento do currículo em sala de aula. Em sequência, o leitor disporá de um texto singular: **A Relação entre o Currículo da Eja no Contexto Prisional e os Processos de Ressocialização de Jovens e Adultos que estão em Conflito com a Lei** – capítulo importante para a compreensão dos fatores que podem vir a melhorar a qualidade de ensino nas turmas Eja que se encontram no âmbito prisional. Explicar as relações entre o currículo, a reprodução das desigualdades e as propostas de inclusão são o foco deste texto.

Alfabetização Dialógica: Concepções e Práticas – Este artigo tem como objetivo geral explicar maneiras que possibilitem a alfabetização, na perspectiva dialógica. A questão central é compreender quais devem ser as atitudes do professor em relação às práticas em sala, no processo de alfabetização dialógica.

Outro capítulo que continua o discurso e análise da questão curricular é **As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana e a Formação de Profissionais da Educação Básica** - O texto centra-se na formação de profissionais da educação básica a partir das Diretrizes curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) tendo como referência o currículo do curso de Pedagogia, a partir do qual foi analisada a formação de profissionais da educação básica em relação aos preceitos da Lei Nº. 11.645/2008 que alterou a LDB Nº. 9.394/1996.

O Ensino de Arte no Brasil e o Multiculturalismo e o texto **Desafios Enfrentados para Construção de um Currículo Escolar Multicultural** são dois capítulos que discutem simultaneamente a concepção do ensino de Arte nas escolas públicas no Brasil, com ênfase no multiculturalismo e sua potencialidade provocativa ao diálogo, à compreensão cultural das diferenças e à alteridade e identificar os desafios enfrentados para construção de um currículo escolar multicultural, a partir de relato de experiência, o que permite refletir sobre a realidade profissional de professores e

pedagogos e identificar desafios em dinamizar o currículo e o planejamento.

Introdução aos Estudos Culturais Africanos e Indígenas na Educação Básica do Brasil: Descolonização Curricular e Formação Docente – nosso penúltimo capítulo versa sobre a formação de professores diante das questões que envolvem as relações étnico-raciais na escola e apresenta a descolonização de ideologias presentes nos materiais didáticos, para as quais é preciso atenção, já que promovem alterações curriculares significativas na educação brasileira.

Para encerrar nosso diálogo, momentaneamente, pois as discussões sobre o currículo permanecem no cotidiano da escola, apresentamos o último capítulo intitulado **Percurso Formativo na Educação Integral: Currículo, Tempos e Espaços em Transformação**, o qual avalia as variáveis teóricas e metodológicas justapostas na construção de um percurso formativo que valoriza a Educação Integral. O texto mostra, claramente, a necessidade de implementar novas propostas formativas capazes de romper com a linearidade e com a reprodução trivial de oficinas propostas nas políticas públicas para um currículo de Educação Integral.

Espera-se que todos façam uma boa leitura.

Miranilde Oliveira Neves

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CURRÍCULO NA ESCOLA EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL QUILOMBOLA	
Denize Tomaz de Aquino	
DOI 10.22533/at.ed.6071930091	
CAPÍTULO 2	13
INTEGRAÇÃO NO ENSINO MÉDIO: ARTICULAÇÕES DISCURSIVAS NA PRODUÇÃO DA HEGEMONIA	
Maria Gorete Rodrigues Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.6071930092	
CAPÍTULO 3	26
CORPOLÍTICA: DIÁLOGOS SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE, RAÇA E DIREITOS COM JOVENS EM ESPAÇOS URBANOS PERIFÉRICOS NO DISTRITO FEDERAL	
Gabriel Santos Pereira	
Jeferson Cardoso Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6071930093	
CAPÍTULO 4	37
DEZ ANOS DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS: A ESCOLA E A DEMOCRACIA NO MERCOSUL(2005-2015)	
Maurinice Evaristo Wenceslau	
Débora de Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6071930094	
CAPÍTULO 5	49
AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E SUAS INTERVENÇÕES NA CONFORMAÇÃO DO CURRÍCULO BRASILEIRO	
Rosa Maria Rodrigues Barros	
Thiago César Frediani Sant'Ana	
Marta Maria Gonçalves Balbé Pires	
DOI 10.22533/at.ed.6071930095	
CAPÍTULO 6	63
AS MUDANÇAS CURRICULARES NA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO E A PREOCUPAÇÃO COM A FORMAÇÃO HUMANA	
Aline de Carvalho Moura	
DOI 10.22533/at.ed.6071930096	
CAPÍTULO 7	73
NARRATIVAS DE INCLUSÃO NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIÁLOGOS COM IVOR GOODSON	
Lidnei Ventura	
Roselaine Ripa	
Rose Clér Estivaleta Beche	
DOI 10.22533/at.ed.6071930097	

CAPÍTULO 8	84
ASPECTOS DA CREDITAÇÃO DA EXTENSÃO NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Ana Claudia Ferreira Rosa	
Arlete Maria Monte de Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.6071930098	
CAPÍTULO 9	97
EL CURRÍCULUM OCULTO EN LA INVESTIGACIÓN EDUCATIVA	
Martha Marques San Martín	
DOI 10.22533/at.ed.6071930099	
CAPÍTULO 10	106
PRÁTICAS CURRICULARES NA EDUCAÇÃO RURAL E A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA	
Rafaela Santos Araújo	
Jerônimo Jorge Cavalcante Silva	
DOI 10.22533/at.ed.60719300910	
CAPÍTULO 11	118
PERCEPÇÃO DISCENTE SOBRE ESTRATÉGIAS DE ENSINO ATIVO, COMBINADAS COM AULAS TEÓRICAS, NO ENSINO DE FISIOLOGIA EM CURSO DE ODONTOLOGIA	
Fernanda Klein Marcondes	
Lais Tono Cardozo	
Maeline Santos Morais Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.60719300911	
CAPÍTULO 12	130
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL NAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES DO ESTADO DA BAHIA	
Eliana Póvoas Pereira Estrela Brito	
DOI 10.22533/at.ed.60719300912	
CAPÍTULO 13	141
A INTERNACIONALIZAÇÃO NO CAMPO DO CURRÍCULO: PESQUISANDO OS COLÓQUIOS LUSO-BRASILEIROS	
Jussara Cassiano Nascimento	
Ana Lisa Nishio	
DOI 10.22533/at.ed.60719300913	
CAPÍTULO 14	151
A RELAÇÃO ENTRE O CURRÍCULO DA EJA NO CONTEXTO PRISIONAL E OS PROCESSOS DE RESSOCIALIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS QUE ESTÃO EM CONFLITO COM A LEI	
Rarissa Maiara Fernandes de Lira	
Joel Severino da Silva	
Márcia Regina Barbosa	
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado	
DOI 10.22533/at.ed.60719300914	
CAPÍTULO 15	165
ALFABETIZAÇÃO DIALÓGICA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS	
Raíssa Oliveira Everton	
Maria José Albuquerque Santos	

CAPÍTULO 16	175
AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E AFRICANA E A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Ana Beatriz Sousa Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.60719300916	
CAPÍTULO 17	187
O ENSINO DE ARTE NO BRASIL E O MULTICULTURALISMO	
Tauã Carvalho de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.60719300917	
CAPÍTULO 18	197
DESAFIOS ENFRENTADOS PARA CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO ESCOLAR MULTICULTURAL	
Mayara Macedo Melo	
Francisco Lucas de Lima Fontes	
Franciane Santos do Nascimento	
Fernanda Gomes do Nascimento Silva	
Geane Blenda Mendes de Andrade	
João da Conceição da Costa	
Maria das Graças Sampaio	
Suzana Lima de Sousa	
Germano Soares Martins	
Ariane Freire Oliveira	
Ilana Maria do Espírito Santo	
Mércia Cycília de França Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.60719300918	
CAPÍTULO 19	207
INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS CULTURAIS AFRICANOS E INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO BRASIL: DESCOLONIZAÇÃO CURRICULAR E FORMAÇÃO DOCENTE	
Maria Lucia Morrone	
DOI 10.22533/at.ed.60719300919	
CAPÍTULO 20	217
PERCURSO FORMATIVO NA EDUCAÇÃO INTEGRAL: CURRÍCULO, TEMPOS E ESPAÇOS EM TRANSFORMAÇÃO	
Andréia Morés	
Cineri Fachin Moraes	
Cristiane Backes Welter	
Delcio Antônio Agliardi	
DOI 10.22533/at.ed.60719300920	
SOBRE A ORGANIZADORA	229
ÍNDICE REMISSIVO	230

CURRÍCULO NA ESCOLA EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL QUILOMBOLA

Denize Tomaz de Aquino

Universidade de Pernambuco-UPE\Campus
Garanhuns\PE(Brasil)

RESUMO: O educador, no exercício de sua profissão, se depara com um currículo elaborado pelo sistema de ensino, que muitas vezes, não contempla as realidades do espaço onde a escola se territorializa. A pesquisa insere-se no campo do currículo no cotidiano da escola cujo lócus é o município de Garanhuns-PE, Nordeste do Brasil, que congrega comunidades quilombolas, com escolas de ensino fundamental. Esta investigação objetiva compreender de que forma o currículo, enquanto texto, no processo histórico da educação brasileira, vivencia, no campo escolar, em território de matriz africana, as identidades representadas numa relação educação e sociedade, diante das forças externas e internas. A pesquisa, de natureza qualitativa, buscou como método para coleta dos dados, entrevistas, observação e análise documental, discutidas à luz da fundamentação teórica e análise do discurso. O currículo representa um campo de disputa na escola e que, na maioria das vezes, a comunidade escolar não participa do seu processo de elaboração oficial dos seus múltiplos contextos que privilegiam um silenciamento do conhecimento e uma imposição de fora para dentro desses

conhecimentos, sem levar em conta os vários atores que existem no cotidiano da escola, suas várias interculturalidade que não são contemplados. Foi possível perceber tensões táticas e astúcias no tocante a normatividade no currículo. Os resultados apontam que a relação de poder, historicamente construída na educação, fortalece a superioridade racial no currículo, e que, o enfrentamento, para uma flexibilização e deslocamentos, representa lacunas na formação e na prática pedagógica das professoras entrevistadas.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo, Escola Quilombola, Prática Pedagógica.

CURRICULUM IN SCHOOL IN A

TRADITIONAL QUILOMBOLA COMMUNITY

ABSTRACT: The educator, in the exercise of his profession, is faced with a curriculum elaborated by the education system, which often does not contemplate the realities of the space where the school is located. The research inserts in the field of curriculum in the daily life of the school whose locus is the municipality of Garanhuns-PE, Northeastern Brazil, which congregates quilombola communities, with elementary schools. This research aims to understand how the curriculum, as a text, in the historical process of Brazilian education, experiences, in

the school field, in territory of African origin, the identities represented in an education and society relation, before external and internal forces. The research, of a qualitative nature, sought as a method for data collection, interviews, observation and documentary analysis, discussed in the light of theoretical foundation and discourse analysis. The curriculum represents a field of contention in the school and that, in most cases, the school community does not participate in its process of official elaboration of its multiple contexts that favor a silencing of knowledge and an imposition from outside to inside of that knowledge, without taking taking into account the various actors that exist in the daily life of the school, its various interculturalities that are not contemplated. It was possible to perceive tensions and wiles regarding normativity in the curriculum. The results show that the power relationship, historically built in education, strengthens racial superiority in the curriculum, and that the confrontation, for flexibility and changes, represents gaps in the training and pedagogical practice of the teachers interviewed.

KEYWORDS: Curriculum, Quilombola School, Pedagogical Practice

1 | INTRODUÇÃO

O interesse em apresentar esta proposta de trabalho que trata das questões de currículo em escolas quilombolas deve-se a participação nas discussões no Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Representações Sociais e Formação em Educação e Meio Ambiente –GIRSFEMA, desenvolvido por um grupo de professores pesquisadores da Universidade de Pernambuco\Campus Garanhuns, Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil, onde procuramos associar: grupo, pesquisa e disciplina da matriz curricular.

Considero que a trajetória profissional foi o principal fator que me fez buscar essa linha de pesquisa na formação de professores nos cursos de licenciatura de geografia e pedagogia, trazendo para discussão a prática pedagógica com os alunos na escola básica, no entendimento de que, a escola tem sido abordada como espaço de socialização e realização tanto dos objetivos do sistema de ensino quanto dos objetivos de aprendizagem e que, essa formação precisa ampliar os debates sobre essa rede complexa e contraditória no âmbito da educação, o chamado “currículo na escola”.

A percepção de que os discursos sobre a educação apontam para uma ideia unificada, que de acordo com Santos(1995) em uma linguagem global, chamada “globalização”, que se mostra através de um fluxo de influência em rede integrada disseminadora de uma nova concepção de ensino, o que parece implicar em uma “desterritorialização” do processo educativo e de uma carência de identidade no currículo que impõe valores e normas.

Os estudos de Lopes (2008) tratam a globalização como um fenômeno complexo, mas não, necessariamente, homogêneo. Traz reflexões do global e do local, no qual se encontram interligados os contextos de debates e discussões, e do currículo oficial que não dialoga com o chamado “currículo alternativo”. A globalização, assim,

levaria não a uma mera incorporação do que é hegemônico, mas a um diálogo seguido de ressignificação do que seria, a princípio, imposto.

Pensar currículo em movimento é também pensar o que está sendo imposto nesse currículo de forma, monocultural, que atende muito mais aos órgãos de fomento que subsidiam a educação, desde a escola básica até o pós-graduação, que tendem a sustentar a reprodução do conhecimento impondo uma cultura única que subalterna e silencia.

A pesquisa foi realizada no município de Garanhuns, localizado na região nordeste do Brasil. Esse município congrega seis comunidades quilombolas, declarados representantes afro-brasileiros de origem Palmares, vivendo em territórios separados do contexto urbano: de seis a trinta e cinco quilômetros. As comunidades possuem hábitos, rituais ou religiosidade compartilhado; vínculo territorial centenário; parentesco social generalizado e relações afetivas; homogeneidade racial e, compadrios que marcam a vida social e vivem em territórios separados, diferenciados pelas formas culturais consideradas definidoras da sua identidade.

Essas comunidades quilombolas, possuem escolas públicas de ensino fundamental I, em dois turnos: do terceiro ao quinto ano pelo manhã com uma professora, e, do ensino infantil ao segundo ano, com duas professoras, no horário da tarde, cujos alunos(as), em sua maioria, são residentes dessas comunidades e acompanham a faixa etária do ano que estudam.

Diante do exposto, e de acordo com Silva e Moreira (2001) o currículo, entendido como prática e documento escolar, em um campo de disputa nos remetem a indagações tais como: Será possível, em educação, criar um espaço para o novo? De que forma o currículo pode contemplar as diferenças, uma vez que existe uma homogeneização do currículo e que não contempla singularidades que estiveram fora do contexto do currículo ?

Portanto, nessa direção, este trabalho teve como objetivo compreender de que forma o currículo, enquanto texto, no processo histórico da educação brasileira, vivencia no campo escolar, em território de matriz africana, as identidades representadas numa relação entre educação e sociedade diante das forças externas e internas

Desse modo o papel do professor no processo de inovador curricular, bem como a participação dos alunos nesse contexto de desenvolvimento de sua formação, confronta-se com atitudes reguladoras e fortemente centralizadas pelas políticas curriculares com efeitos positivos e negativos - que abortam o processo de autonomia curricular das escolas e dos professores.

As problemáticas, no que se refere ao currículo ofertado nas escolas, são múltiplas e são denunciadas pelos movimentos sociais com relação a educação intercultural , que ainda representa uma tarefa complexa não apenas no Brasil. Os movimentos sociais organizados denunciam injustiças, desigualdades e discriminação, e reivindicam igualdade de acesso de bens e serviços e reconhecimento político e cultural na compreensão da Lei 10.639\03 e suas respectivas diretrizes.

A pesquisa, de natureza qualitativa, buscou como método para coleta dos dados, entrevistas, observação e análise documental, discutidas à luz da fundamentação teórica e análise do discurso.

Embasada pelo aporte teórico, a investigação apresenta algumas reflexões sobre o campo de disputa que representa o currículo na escola e que, na maioria das vezes, a comunidade escolar não participa do seu processo de elaboração oficial dos seus múltiplos contextos que privilegiam um silenciamento do conhecimento e uma imposição de fora para dentro desses saberes sem levar em conta os vários atores que existem no cotidiano da escola, em suas várias interculturalidade, que não são contemplados.

Nesse processo, foi possível perceber, tensões táticas e astúcias no tocante a normatividade no currículo, mas a escola e as relações escolares nela presentes evidenciam arranjos sutis para o exercício do controle, da vigilância e da garantia de um cotidiano que contemplem conhecimentos outros.

Nesse pensamento, os resultados apontam que a relação de poder, historicamente construída na educação, fortalece a superioridade racial no currículo, ao mesmo tempo em que, tal complexidade indica que o enfrentamento para uma flexibilização e deslocamentos representa lacunas na prática pedagógica das professoras entrevistadas.

2 | O CURRÍCULO NO COTIDIANO DA ESCOLA

O estudo sobre currículo nos remete a um estudo disciplinar complexo e de muitas discussões e, dúvidas, com várias linhas de pensamento em diálogo com diversos campos de conhecimento e representações,

Pensar o currículo enquanto prática é pensar o currículo materializado em sala de aula. Nessa compreensão: “não estamos falando de um produto que pode ser construído seguindo modelos preestabelecidos, mas de um processo através do qual os praticantes do currículo ressignificam suas experiências a partir das redes de poderes, saberes e fazeres das quais participam”. ALVES (2011, p.41).

As leituras de Libâneo (2006); Paraíso, Vilela e Sales(2012) e Silva e Moreira(2001) trouxeram questionamentos sobre o que representa o currículo em seus múltiplos contextos e as forças externas e internas que se apresentam como parte fundamental do processo de escolarização. Mesmo que não esteja explícita, essa regulação representa uma tônica na conformação da pedagogia moderna que acontece não apenas nos espaços das escolas em ação, mas, sobretudo na formação de professores nas academias universitárias, onde existe um total despreparo desse campo de conhecimento.

Para entender a escola na perspectiva mais abrangente, há se pensar em espaço sócio cultural e, especificamente, a sala de aula como espaço plural, bem como dos diferentes atores que compõem o cenário educativo. Esse é o espaço onde

o educador vivencia suas realizações enquanto prática social e percebe a importância de pensar diferente\agir com o outro e não sobre o outro. Isso requer posicionamento com relação as realidades no cotidiano da escola, bem como fazer o currículo no chão da escola.

E ainda, de acordo com que escreve Alves (2011), o cotidiano é complexo, pois ele dialoga com vários aspectos e em movimentos, em práticas e em texto, pois as redes de entendimento são múltiplos. E ainda de acordo a referida autora, é “fazer emergir as tantas redes trançadas cotidianamente nas nossas escolas”. .ALVES (2011,p.57)

Sendo assim, são produtos de múltiplos contextos no qual o currículo está inserido e percebe-se que, a história do currículo, esteve associada às posições conservadoras, como a de posições críticas, referentes as lutas dos movimentos sociais que reivindicam igualdade de direitos na educação na luta contra privilégios e as barreiras sociais de classe, como é o caso dos movimentos negros.

A literatura aponta que questões contemporâneas sobre currículo e escola básica precisam lidar com as novas condições sociais, políticas e culturais que vivemos. Não existe um “currículo perfeito. “Quanto maior as possibilidades abertas pelo currículo formal para dar conta dessa multiplicidade, mais ele estará inserido no cotidiano da experiência escolar” (MACEDO *et al.*, 2011, p.49). O “bom currículo”, é aquele construído que parte do conhecimento vivido conscientemente, autonomamente e cotidianamente, pelos professores nas escolas, tendo como base um currículo prescrito.

Os estudos de Felício e Possani (2013) apontam a necessidade da construção do currículo a partir de uma perspectiva crítica emancipatória, mas na maioria das vezes não constitui uma política de estado muitas vezes essas práticas inovadoras representam movimentos isolados e podem ter uma descontinuidade.

Os autores descrevem que “há mais possibilidade do que impedimentos para a construção de currículos com indicativos emancipatórios. É necessário que se tenha vontade de mudança, coragem, ousadia e certeza de que mudar é possível” FELICIO &POSSANI (2013, p.141).

3 | METODOLOGIA

A escolha do tema se dá em função da pertinência que se vem discutindo ao longo das atividades acadêmicas em suas várias temáticas, sobre educação dos povos tradicionais, na sala de aula nos cursos de formação de professores de geografia e pedagogia, cujos discursos, estão sendo objeto de pesquisa para produção de trabalhos de conclusão de curso.

No que tange ao locus enunciativo da pesquisa, elenca-se enquanto campo de estudo, uma das escolas de comunidade quilombola da rede pública municipal, em Garanhuns/PE cujo município congrega o maior número de comunidades quilombolas do Estado assim descritas: Castanhinho, Timbó, Caloete, Tigre, Estivas, Estrela, sendo

esta última objeto da pesquisa.

A fim de atender aos objetivos propostos, a pesquisa, desenvolvida a partir de 2017, buscou realizar, primeiramente, a apropriação de um referencial teórico permitindo o estudo de natureza bibliográfica para encontrar formas de entender e compreender esse campo de disputa que é o currículo. Nesse entendimento, a pesquisa prioriza autores que tratam das questões de currículo em múltiplos contextos, além do entendimento da Lei 10.639\03.

Após essa etapa, caminhamos a metodologia na perspectiva de Minayo (1994) no processo de tratamento do nosso objeto de estudo, partindo do pressuposto da pesquisa qualitativa, que, para essa autora permite uma maior interação ao pesquisador da realidade que formulou uma pergunta, mas também estabelece uma interação com os pesquisados ao mesmo tempo em que abre possibilidades na investigação social e estudo de grupos possibilitando enxergar os significados da realidade em questão mesmo diante da complexidade do objeto de estudo.

No processo de sistematização e coleta de dados, utilizamos, técnicas e instrumentos de coletas de dados exploratórios, as observações diretas no campo da escola, sua localização, seu formato, sua funcionalidade, corpo administrativo e a circulação dos alunos(as); contemplando o máximo de realidades possíveis, de modo a transformar o olhar unilateral enquanto pesquisador, na condição de sujeito observando outros sujeitos com aproximações e afastamentos, num olhar democrático e numa construção partilhada para daí, partir para etapa seguinte que foi as entrevistas semiestruturadas, rodas de conversa e debates.

A análise dos dados coletados, a partir da categoria, práticas curriculares, enquanto texto e enquanto prática em um território quilombola foi trabalhado a luz do referencial teórico e da análise dos discursos, interpretados a partir de Bardin(1977). Os resultados estão mostrados na seção seguinte.

3.1 Apresentando as Entrevistadas

A pesquisa teve no primeiro momento, como participantes a gestora e as professoras da escola da Comunidade Estrela assim descrita: 1 professora do turno da manhã que leciona do 3º ao 5º ano e duas professoras do turno da tarde que lecionam no ensino infantil do fundamental I. São pessoas diferentes que vivem em espaços diferentes, mas tem em comum o fato de serem professoras da mesma escola com os mesmos objetivos no ato de ensinar.

No tocante a escolha das duas alunas, por adesão, do curso de geografia, a prioridade foi que essas alunas estivessem professoras em escolas do campo, ou no estágio supervisionado. E no caso das duas alunas do curso de pedagogia, essas se declararam professoras de escolas do campo, sendo que, uma delas professora em uma comunidade quilombola de um município próximo a Garanhuns. No tocante a faixa etária das professoras entrevistadas, estas apresentam de 25 a 28 anos.

Na busca do processo investigativo dividimos em etapas: a primeira foi uma conversa com a gestora da escola no tocante ao olhar pedagógico, cujas entrevistas semiestruturadas foram realizada primeiramente com a gestora, e, em outro momento, com as professoras, neste último, com a presença da merendeira da escola, que sempre fazia intervenções quanto ao processo histórico da escola, situações de vida de algumas crianças, por se considerar com mais tempo de profissão, mas em ambas, a investigação estava em torno da questão central da pesquisa envolvendo idas e vindas ao longo da observação, muitas vezes sem planejamento prévio para visita o que permitiu estudar a evolução da opiniões em períodos curtos.

Após essa etapa, continuamos com o nosso trabalho investigativo partindo para a seguinte fase: a roda de conversas sobre o tema gerador do trabalho “o currículo”, na escola quilombola da comunidade Estrela .Este momento foi muito rico, quando somos ouvintes e interlocutores de narrativas esse processo de interação entre pesquisador e pesquisadas foi realizado com um roteiro de perguntas abertas sem utilização de equipamento tecnológico no entendimento de que seria um momento de descontração, no horário de intervalo, que envolveu gestora da escola, professora do horário diurno e a merendeira. mesmo procedimentos aconteceu no horário da tarde.

Na etapa seguinte, questionamos, em uma roda de debates, dessa vez, no espaço da universidade, as alunas dos cursos de geografia e pedagogia cujo objetivo foi de fazer uma análise das falas e da compreensão sobre currículo, enquanto texto e enquanto prática, vivenciados por elas nas escolas onde atuam como profissionais professoras e perceber a partir da formação na academia a “agonística pedagógica” de compreender o currículo enquanto texto praticado nas escolas quilombolas uma vez que não tiveram em sua formação .

4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

É no ambiente da escola que percebemos quem somos enquanto profissionais professores(as) e os ideais, historicamente construídos, por meio do currículo e, sua reprodução tanto ideologicamente como em termos dos conteúdos específicos em todas as esferas dos conhecimentos.

Discutir currículo na escola é conscientizar o outro da diversidade que nos constitui, é mostrar que pode existir igualdade, diferença e ter a capacidade de transgredir valores cristalizados presente em suas normas, em suas colocações e em suas aplicações. De acordo com Alves(2011),quando dizemos que trazemos em nossas práticas pedagógicas, junto com nossos(a) alunos(as) muitas marcas das tantas convivências que tivemos e das inúmeras inte- relações que, com outras pessoas, e culturas vamos tendo pela vida e vamos construindo saberes e que esses são trazidos para o contexto da escola e interagem nessa produção de conhecimentos muitas vezes desapercibidos.

É o trazer a inclusão dos saberes singulares dos atores da escola interagindo

com os saberes estabelecidos, numa relação interpessoal, fundamentado no entendimento de que esta reconstrói esses outros saberes, trabalha com processo de mediação didática, capazes de torna-los ensináveis e assimiláveis na mediação do outro na construção do conhecimento e, que, muitas vezes não são ou não devem ser trabalhados na escola.

Assim, é necessário perceber as estratégias políticas do currículo que tem como regra diversas formas de controle e regulação de acordo com o que se quer dentro do processo educativo, mantendo a reprodução social dos conteúdos e concepções ideológicas dentro do processo educacional, definindo o tipo de cidadão\cidadã que se quer formar e a finalidade dessa formação, ocultando a capacidade de superação dos movimentos sociais que para Garcia(2013,p.107) “ os descendentes dos remanescentes dos escravizados da África para aqui trazidos são os nosso alunos e alunas que, se encontram na escola hoje” historicamente expulsos dos processos de formação do saber científico que contemple suas identidades.

É preciso romper com modelos engessados procurando possibilidades com novas interlocuções e novos fazeres. Não se trata, portanto, de propor outros currículos, mas trabalhar no processo de deslocamentos e possibilidades daquilo que alguém elaborou e determinou e que não é tarefa fácil, nesse contexto hegemônico da educação. Nas palavras de uma professora entrevistada, “não é fácil transgredir uma vez que existe uma cobrança continuada das Secretarias de Educação com punições para o que não está escrito”. Esse desconhecimento, de se pensar esses direitos não apenas tem efeito no processo da prática pedagógica dessa professora como para esses alunos (as), mas também na sociedade como um todo.

É interessante perceber o papel regulador, normatizador e de vigilância da educação sobre a escola, e os praticantes pensantes que a constitui, assim como as intolerâncias, invisíveis, mas repressoras com aqueles que ousem transgredir os padrões estabelecidos pela escola que está atrelada as instancias maiores que são as forças externas e conservadoras dos sistemas de ensino.

O poder das normas impostas a partir dos arranjos curriculares, livros didáticos artefatos didáticos, demonstram toda uma prática pedagógica voltada para as metas que se quer alcançar e não pela preocupação do ato de aprender, trazendo para o espaço da escola o vivido em consonância com o aprendido na proposta do conhecimento do senso comum e o científico.

Pensando nisso, é preciso desconstruir com novas possibilidades de educar. Desconstruir esses discursos é fazer pensar sobre diferenças e igualdade para ser melhor compreendido e questionados. O importante é trazer para o chão da escola novas metodologias e se distanciar desse tradicionalismo hegemônico mostrado nos livros didáticos, televisão, rádio, escolas, grupos sociais entre outros espaços, invisibilizando outras formas de agir e pensar.

Nesse contexto das escolas, quilombolas, pensar educação que contemple esse multicultural é discutir saberes outros representando uma prática que se coloca

contra normas socialmente aceitas, o que representa transgressão quanto ao que está colocado no currículo enquanto texto para ser vivenciado enquanto prática em um caminhar junto, nessas novas formas de pensar destacando a realidade social e cultural de uma “minoría excluída”.

Quando interrogadas sobre comemorações no ambiente da escola as professoras entrevistadas, relatam que a comemoração do dia da consciência negra em novembro é comemorada de forma relacional, como um acontecimento histórico de maior relevância para os povos afrodescendentes sem a preocupação de discussões, no espaço escolar do que essa comemoração representa no processo histórico dos atores sociais da escola. São singularidades que não estão nos escritos, mas que fazem parte dessa cultura onde a escola habita, referendadas no conhecimento trazidos dos seus ancestrais.

Tais referências representam os sistemas educacionais, não apenas do Brasil, mas de outros países que sofreram o processo de colonização, que materializam o currículo de cima para baixo e que pouco dialogam e recontextualizam com o cotidiano da escola, e que “os particularismos e regionalismos convivem e entram em conflito com a cultura globalizada” (TURA (2014,p.132).

Na fala das professoras e gestora, ficou claro que não existe negação, mas uma reprodução do sistema que silencia ao que lhe convém e investe nos discursos de vários significados que normatizam e silenciam para que não aconteça mudanças no que está prescrito.

As professoras entrevistadas admitem “a fragilidade na formação diante de tantos desafios e que o conhecimento passa a ser a palavra chave. Trazendo para a roda de conversa a discussão acerca do multiculturalismo, as professoras deram ênfase às diversas maneiras de construir educação multicultural, que contemple e trate criticamente as diferenças., mas apontam um desconhecimento da Lei que trata dessas possibilidades, ao mesmo tempo em que mostram interesse em buscar formação continuada para melhor atuar em sua profissão.

Nas falas de todas as entrevistadas, tanto professora da escola quilombola como das alunas professoras, destacou-se que é preciso buscar os saberes dos movimentos sociais quilombolas, de modo a contemplá-los na produção curricular juntamente com o conhecimento oficial.

Analisando os depoimentos da professora entrevistada do turno da manhã percebe-se que existe por parte da escola a possibilidade de transgredir o currículo no contexto da escola, mas se faz necessário que isso seja uma mudança no currículo enquanto texto e que, não seja possibilidades setorializadas, ou seja, em algumas escolas como ação isoladas e sim de forma que contemple todas as escolas.

No tocante a formação de professores, as alunas dos cursos de licenciatura apontam que os desafios de ensinar nas escolas quilombolas são muitos e não são pequenos, a partir das lacunas no processo de formação, no qual muito pouco é discutido sobre currículo no contexto do poder; e campo de disputa, e expressam

uma necessidade de conhecer mais sobre os saberes necessários para atuar nessas escolas a partir da academia universitária.

Os dados fornecidos pelos dois segmentos das entrevistadas acima, despertou o interesse da análise documental que confirmasse essas falas; o que se constatou foi uma forte homogeneização do currículo nas duas instituições onde o papel principal é o formar. Enquanto escola básica o currículo é o mesmo para toda rede de ensino, disponibilizado através da Secretaria de Educação cabe a escola fazer mudanças ou não. Quanto a instituição de formação, esta sofre modificações a cada renovação dos cursos que acontece a cada quadriênio.

Nesses múltiplos contextos, os discursos das professoras em sala de aula como das futuras profissionais professoras se articulam no que se refere a formação docente e que não é apenas o campo do conhecimento do currículo que representa o saber. A teoria é tão importante quanto a prática nos saberes de formação docente, mas é, sobretudo, aplicar essa teoria.

Sendo assim, “Educar e para que Educar” é um grande desafio da educação em uma perspectiva NÃO normatizadora\hegemônica, mas dialógica transformadora para todos e todas, de desconstrução de um processo histórico sedimentado“ que em vez de verdade ofereça novas perspectivas” BALL (2011,p.95).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto da pesquisa sobre currículo na escola em uma comunidade tradicional quilombola, nos faz refletir que o poder da normatividade imposta a partir dos arranjos curriculares, livros didáticos artefatos didáticos, demonstram toda uma prática pedagógica voltada para o poder hegemônico na educação nas práticas dessas professoras e na maneira como a gestão, principalmente da Secretaria de Educação, condiciona as atividades escolares dificultando o olhar para novas propostas.

Assim, a escola enquanto espaço de socialização de saber reproduz o conhecimento imposto sem a preocupação dos atores sociais ali presentes e que esses atores têm uma identidade e um pertencimento que podem ser recontextualizados no cotidiano por meio do currículo praticado, apesar de toda a preocupação das lutas dos movimentos sociais na prática do exercício da Lei ainda se faz necessário avançar mais.

Percebe-se, que, existe o distanciamento daquilo que se ensina e do que se aprende no contexto da sala de aula, tendo em vista que esses alunos trazem uma identidade e um conhecimento a partir dos seus espaços de convivências herdados dos seus ancestrais, e, que não há enquanto prática a hibridização desses conhecimentos no contexto da sala de aula.

Frente a estas reflexões construídas, a escola ainda não se deu conta de que não vivemos mais uma sociedade escravocrata subalterna e que, desconstruir essas

normas e essas convenções é o passo para sair dessa lógica binária, ressignificando os discursos de diversos contextos sem que seja necessário abandonar os significados já existentes.

Diante dos resultados da pesquisa, apesar do avanço da educação escolar quilombola, enquanto política afirmativa que visa um projeto educativo pautado nas lutas dos movimentos sociais, percebe-se que as práticas pedagógicas, em geral, avançam, mas em passos muito lentos que não dá conta para transgredir toda a realidade do que está posto no texto.

Assim, ainda falta através dos órgãos educacionais responsáveis, um apoio para que os professores(as) dessas escolas quilombola(s), consigam realizar um trabalho conforme o que está previsto na legislação educacional, que contemple a Lei 10639\03, bem como na formação continuada das professoras, levando em conta, também, a fala dos(as) alunos(as) que fazem a escola, pois muitas vezes não são levadas em consideração nesse processo de construção.

REFERÊNCIAS

Alves, Nilda(Organizadora) **Criar Currículo no Cotidiano**. 3ª ed. São Paulo: Cortez,2011.(Série cultura,memória e currículo,v.1).

BALL,Stephen J.Intelectuais ou técnicos? O papel indispensável da teoria nos estudos educacionais¹. In:BALL,Stephen J.;MAINARDES,Jefferson.(Orgs). **Políticas Educacionais**: questões e dilemas. 1ª edição. São Paulo: Cortez,2011.

BARDIN Laurence.Análise de Conteúdo.Tradução:Luíz Antero Reto e Augusto Pinheiro.Lisboa\ Portugal: edições 70,1977.

FELICIO,,Helena Maria dos Santos: POSSANI,Lourdes de Fatima Poschoaleto.Análise crítica do currículo: um olhar sobre a prática pedagógica. In: **Currículo sem fronteiras**, v. 13,,n.1,p.129-149,Jan\Abr. 2013.

GARCIA, Regina Leite. Encontros e desencontros nas escolas : um currículo em movimento. In: FERRAÇO,Carlos Eduardo; CARVALHO,Janete Magalhães.(Orgs).**Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Vitória, ES: Nupec/UFES, 2012, p. 105 – 118.

LIBÂNIO, José Carlos. Sistema de ensino, escolas, sala de aula: onde se produz a qualidade das aprendizagens? In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. (Orgs.). **Políticas de currículo em múltiplos contextos**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 70-123.

LOPES, Alice Casimiro. Política de currículo no mundo globalizado. In:_____. **Política de integração curricular**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 19-38.

MACEDO, Elizabeth;OLIVEIRA,Inês Barbosa de;MANHÃES,Luis Carlos; ALVES Nilda(Org.).**Criar Currículo no cotidiano**.3ªed.São Paulo: Cortez,2011.(Coleção série cultura, memória e currículo,v.1).\

PARAISO,, Marlucy Alves;VILELA,,Rita Amélia;SALES, ,Shirlei Rezende.(Orgs).**Desafios contemporâneos sobre currículo e escola básica**. 1ª ed.Curitiba,PR:CRV,2012

- SANTOS, Milton. **Território, Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec\ANPUR, 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Antônio Flávio (Orgs). **Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos culturais**. 5ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- TURA, Maria de Lourdes. Escola, sujeitos e formação de professores. In: LOPES, Alice Casimiro; ALBA, Alicia de. (Orgs.). **Diálogos curriculares entre Brasil e México**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p.125- 144.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem Narrativa 73, 74, 75, 76, 79, 82

C

Cidadania 30, 32, 37, 40, 44, 47, 48, 52, 57, 61, 66, 69, 133, 140, 164, 193, 201, 202, 212, 220, 225

Corpolítica 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35

Currículo Narrativo 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82

D

Democratização 35, 37, 39, 45, 47, 49, 115

Desigualdades 3, 30, 41, 54, 138, 151, 153, 154, 155, 158, 163, 179, 181, 185

Diálogo 3, 4, 20, 39, 84, 94, 101, 107, 108, 112, 114, 122, 145, 146, 148, 187, 193, 194, 195, 196, 205, 215, 225

Diretrizes Curriculares 16, 20, 21, 24, 61, 67, 86, 93, 95, 134, 155, 158, 161, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 200, 204, 212, 215, 218, 227

Discurso 1, 4, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 39, 40, 42, 45, 58, 63, 71, 105, 136, 145, 147, 177, 190, 191, 192, 199, 211

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 28, 30, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 125, 127, 128, 130, 132, 133, 134, 138, 140, 146, 147, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Educação Comparada 37, 48

Educação Contextualizada 106, 107, 111, 113, 114, 115, 116, 117

Educação Física 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 133, 226

Educação Rural 106, 107, 108, 113, 115

Ensino Ativo 118, 120, 121, 125, 126

Ensino de Arte 187, 194, 196

Ensino Médio 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 107, 116, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 139, 140, 156, 160, 188, 189, 209, 210, 219, 229

Escola Quilombola 1, 7, 9

Estratégia 17, 22, 42, 43, 84, 92, 114, 118, 122, 124, 125, 126, 127, 179, 205, 220

Extensão Universitária 26, 27, 29, 32, 33, 35, 84, 85, 86, 87, 88, 92, 93, 94, 95

F

Fisiologia 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126

Formação de professores 2, 4, 5, 9, 12, 61, 81, 84, 85, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 180, 181, 184, 186, 187, 192, 207, 211, 215, 223, 225

Formação humana 18, 19, 40, 63, 64, 68, 69, 71, 91, 133

G

Gênero & Sexualidade 26

H

Hegemonia 13, 14, 21, 22, 23, 47, 191, 208

I

Inclusão 7, 40, 54, 57, 58, 61, 69, 71, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 111, 130, 139, 147, 151, 153, 155, 159, 163, 174, 176, 179, 180, 181, 184, 185, 204, 214, 215, 219, 225, 229

Integração 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 37, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 57, 58, 61, 118, 153

Integração regional 37, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

Internacionalização 52, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Interseccionalidade 26, 31

M

Mercosul 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

Multiculturalismo 9, 138, 143, 149, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 202, 205, 214

O

Organização pedagógica 106, 110, 111

P

Política curricular 13, 14, 15, 16, 17, 22

Políticas educacionais 37, 39, 40, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 85, 109, 111, 180, 219, 220

Prática pedagógica 1, 2, 4, 8, 10, 11, 17, 107, 112, 114, 115, 178, 182, 184, 186, 206, 215

Práticas curriculares 6, 54, 55, 77, 83, 106, 107, 109, 110, 131, 133, 139, 152, 153, 155, 158, 159, 161

R

Reflexividade 49

Relações étnico-raciais 130, 136, 138, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186,

204, 206, 207, 209, 212, 215

T

Tecnologia 18, 19, 20, 49, 56, 58, 91, 111, 112, 133, 166, 167, 229

U

Universidade 1, 2, 7, 13, 14, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 37, 47, 48, 63, 73, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 106, 120, 141, 142, 143, 149, 151, 165, 174, 175, 176, 185, 186, 197, 203, 206, 207, 215, 217, 218

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-660-7

